

Retiradas nordestinas : condição humana e valor transcendente (Os calvários em Morte e vida Severina , de João Cabral de Melo Neto e Vidas secas , de Graciliano Ramos)

Ms. Hermide Menquini Braga- Ciências da Religião –PUCSP/ Grupo de Pesquisa Pós-religare.

Av. Martins Fontes ,nº 472, Catiapoã , São Vicente . SP
 .CEP 11390-200- TEL. 13 34674194; CEL 13 97728997
bragamem@uol.com.br

RESUMO

As manifestações em Morte e vida Severina ,de João Cabral de Melo Neto e em Vidas secas , de Graciliano Ramos a despeito de serem textos literários de gêneros diferentes (auto e romance) expressam-se por enfoques díspares (um trazer a marca da denúncia declarada, intensificada pelo valor imanente do nascimento e o outro uma ironia sagaz ,pela fina argúcia da expressão psicológica) valorizam a vocação do homem que é perceber. Isso é possibilidade ornada de esperança. Detalhamos as duas situações no sentido de reconhecer na mediação da fabulação cara ao mito, no referencial de Mircea Eliade, e no atestado da antropologia filosófica, no tratado de Henrique Claudio de Lima Vaz, a resistência ao poder despropositado, gênese dos extremos sociais que convivem nos personagens nas duas obras. A condição humana sobrevive à seca e à desproporção material constituindo assim o *discurso* transcendental.

Palavras –chave : Morte e vida Severina , Vidas Secas, nascimento , expressão psicológica, condição humana .

ABSTRACT

The manifestations in the workmanships of both the authors, the spite to be literary texts of different sorts (auto and romance) are expressed for approaches go off (one to bring the mark of the denunciation declared, intensified for the value imanente of the birth and the other a sagacious irony, for the fine acumen of the psychological expression) value the vocation of the man who is to perceive. This is provided possibility of hope. We detail the two situations in the direction to recognize in the mediation of the expensive fantastic report to the myth, in the research of Mircea Eliade, and in the certified one of the philosophical anthropology, in treated to Enrique the Claude de Lima Vaz, the resistance to the power, origin of the social extremities that coexist in the personages in the two workmanships. For the literary aspect we adopt Alfredo Bosi. The condition human being: to think, to speak, to decide survive to dry and to the different material thus constituting the transcendental speech.

Words - key: Morte e vida severina ;Vidas secas, birth, psychological expression, condition human being

O Séc. XX despertou para meios científicos aplicados aos fenômenos humanos capazes de produzir compreensão aprofundada da natureza humana. A compreensão técnica dos fenômenos sensíveis veio a revelar por outra via a realidade da transcendência.

Não por acaso, as obras literárias em seu perfil de amearhar na sociedade as situações em que são colocados os personagens abrem-se para as análises filosóficas, antropológicas e psicológicas, disciplinas ligadas ao elã humano. O gênero dramático é o espaço, pois do simulacro _situações reais em ficção por meio de sue mediadores, os protagonistas.

A análise literária pura e simples pode ganhar preciosos aportes se for respaldada pelas disciplinas que suportam as Ciências da Religião. É o que temos feito desde 2000.

Este dado puramente cronológico afasta-se claramente de uma possível interpretação milenarista, já que temos nos situado pelos fundamentos conjugados da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia no sentido de interpretar a condição humana de falar e de resistir. Estes dois pressupostos estão ligados ao atributo de pensar. Logo, a atividade metaexpressiva do homem supõe a religiosidade , já que envolve pólos recorrentes : o homem é religioso porque pensa e as ciências do homem tentam explicar , por diversos aspectos o fenômeno humano .

Esta constatação nos incentivou ao uso de recurso original para interpretar Morte e vida severina, de João Cabral de Mello Neto. É um auto de Natal, uma peça de teatro em dezoito passagens, encenado no TUCA _ Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A intenção declarada do autor f oi atender a um pedido de .Maria Clara Machado que unia a intenção destes dois intelectuais: socializar a obra presente, já que as precedentes eram difíceis para o publico popular, e ressaltar o problema social, bandeira dos movimentos anteriores a 1964, no Brasil.

Nessa intenção, entretanto imiscui-se uma evidência: a profunda solidariedade que Emanas das dezoito passagens da obra. No relato da busca à superação física à seca instala-se um calvário do sertanejo Severino, assentado e limitado pelo estado de Pernambuco na integra de seu território político. Tal espaço revela os atributos físicos do cenário de Morte e vida severina contraposto á atividade metafísica de Severino, o retirante.

A meta do protagonista era a vida, que ele vê negada em cada passo do seu calvário. O postulado de que todos os rios dirigem-se para o mar é negado, porque o Rio Capibaribe, no sertão seca , por ocasião do verão,ou seja , ele cala-se, renegando o postulado pelas

características típicas de sua localização: 5° a 10° graus de longitude abaixo da linha do Equador.

Uma estreita face para o litoral alonga-se para a compactação do continente em formato de faixa. Estabelece uma gradação, quanto mais avança mais perde a umidade, como se as ondas do mar, em sua teimosia fossem vencidas pelo agigantamento do continente.

No ponto extremo contraposto ao mar está a Serra da Costela, limites da Paraíba. A relação eloqüente entre com a umidade neste contexto é vida, e sua dialética é a morte. Severino vive no território da morte.

Esse território que nega a vida, nega, também a identidade, a extrema carência de tudo chega a ponto de negar dados originais, fato que vai incidir em homonímia de gerações. Severino (nome de santo de romaria) serve para seis crianças. A filiação não consegue identificá-los já que os pais já sofreram da mesma dificuldade: a exigüidade de noções denuncia os únicos dois valores extremos vigentes ali.

O supremo é a religiosidade, naquelas paragens, dada por tradição da concepção colonial da hegemonia católica no país. As mães dos seis meninos chamam-se Maria, como a mãe de Jesus, entretanto é pelo nome dos pais, também em homonímia que tragédia se publica. Todos se chamam Zacarias, nome de um antigo coronel já falecido. A desdita, por esses dados toma corpo. há miséria tão profunda instala a mesma influência naqueles viventes, a do valor transcendental da fé similariza-se à da autoridade abusiva do coronel.

Esse trágico equivoca de beijar a mão do algoz completa a caracterização da tragédia, sua superação, porém é alento e motivo para a caminhada do Severino. Ele passa, a partir do momento da decisão da saída a ser Severino, o retirante. Este é um sinal emitido pela condição humana, homem como símbolo de superação.

Havíamos dito que a umidade decresce aa medida que o território de Pernambuco avança para o sertão. A trajetória lógica do Severino na obra contraria essa concepção, já que ele vai a direção ao litoral, à umidade que enseja vida. Ora isso concebe o mito, o mito da terra mãe. A partir daí vimos à correlação morte-vida, claramente superposta aos mitos da vida e da morte. enfocados por toda a obra de Mircea Eliade, especialmente *O sagrado e o profano*; *Mito e realidade* e *Tratado de Historia das Religiões*.

Tomadas essencialmente sociológicas, como a da passagem dez da obra, que enfoca a desigualdade interpretada pelos cemitérios do Recife clamam pelo referencial mítico. A

vitória da vida severina. fruto da resistência humana, que com criatividade providencial adequa as necessidades de um recém-nascido em um mocambo real, talvez o mais terrível do Brasil surge como um eloqüente poema concreto da supremacia da condição humana. A incidência dos ciclos em todos os processos vitais explora essa realidade entre vida e morte, entre matéria e espírito.

É uma leitura que ultrapassa a intenção sociológica do autor, porque a sua criatividade compreende o amor pela terra, a solidariedade envolta nos pressupostos socialistas, capaz de sufocar ou neutralizar qualquer influência exterior de política partidária. Fica-nos ao fim da leitura desta obra, a mais popular de João Cabral de Melo Neto uma percepção que nos foi despertada pela prosa doce de Leonardo Boff:

não existe relação que não seja cosmologia, para reconhecê-la é necessário, entretantorecorrer à filosofia, o reino das significações como pensamento filosofante.(BOFF,.2008 ,aula magna .CRE-PUCSP)

Nossa mediação, neste trabalho, portanto, quando explora, pela mediação entre o conhecimento humano, indelevelmente marcado por um cunho filosófico, por meio de sua atividade espiritual, as referências míticas, dadas pela intuição pura do homem, aquela que admite ligações lógicas criativas até o aporte teológico, e assim fecha o ângulo reflexivo de que o mito fala por linguagem popular. O primitivo do mito é o status antropológico, o distintivo antecedente a qualquer teoria, inocente, que escancara o atributo transcendental.presente por gênese na espécie homem. É este que alimenta todos os projetos, cuja vida é recurso principal.

Isto se dá também em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Enfocamos a mesma problemática, pelo mesmo tema, porém com epistemologia diversa, neste novo estudo. O cenário agora, um imenso descalvado insere uma família em calvário, aceitando como vida aquela fuga da morte, presente no chão ocre, de feridas abertas. É a cena inicial de um romance. A luta aparentemente desigual que empreendem incita a imaginação, no sentido de se tornar contrária à razão existir gente de pé e em movimento naquela terra prostrada, onde os arbustos e a relva se foram e as árvores desmaiaram. Que força é essa que imbui esses viventes? Essa visão nos motivou ao trabalho.

Os personagens de *Vidas Secas*, colocados assim, ganham a atenção do pesquisador porque expõem a essência do homem em produção. A comunicação preserva a vida porque harmoniza os elementos pela via do entendimento. Naquele quadro primitivo, em que a

morte empurra a vida para seu domínio, ela é decisiva. Apenas um som gutural da mãe impediu o sacrifício do filho pelo pai, que pensava em deixá-lo, moribundo, exposto aos urubus. Essa pista determinou qual é a questão a ser aprofundada.

A resistência humana, redimensionada pela literatura, ganha a expressividade da arte concebida pelo espírito. Esta é facilitada pela sensibilização estética, evidência que permite a intelecção de temas capitais para a permanência da sociedade, tais como a solidariedade. Sentimentos desse teor são fundamentados pela ética, pilar da literatura de resistência, que orienta a vontade, em um contexto de repressão do desejo. O desejo é a mola que move a imaginação criativa dos escritores.

A literatura de resistência engloba esses dois aspectos, desejo e imaginação criativa. Apesar das questões éticas serem seu ponto de referência, o autor lança idéias que ele terá que elaborar na linguagem, na expressão literária, extremamente restrita nas personagens, que mais se exprime por gestos e ações em vez de palavras..

A questão coloca-se para nós partindo do pressuposto de que o homem detém organismos de resistência, que se demonstram instigantes pelo grande efeito que produzem. Em *Vidas Secas*, as situações dramáticas são originais, dada a aguda amplidão que assumem. O direcionamento desse estado de coisas é a investigação no arcabouço antropológico.

Dessa forma, a substância do questionamento é: o que é o homem? Este questionamento construtor, que revela uma aporia, guiou a nossa leitura. Essa dimensão aporética do caminho que percorre o humano na elaboração de suas teses (momento tético), em busca da transcendência, motivou-nos a procurar alguma clareza acerca daquilo que tentamos definir por resistência. A teoria de *Antropologia filosófica I* e de *Experiência mística na tradição ocidental*, ambas as publicações de Henrique Cláudio de Lima Vaz, permitiu-nos uma abordagem científica ao tema.

A relação com a comunicação e a linguagem encontrou apoio em *Bergson*: intuição filosófica e discurso filosófico, uma leitura de Franklin Leopoldo e Silva, precisamente no que tange à filosofia da metáfora.

O teor de *Vidas Secas* é uma denúncia às investidas contra a Ética, pressuposto que o ser humano acessa pela reflexividade. Esta teoria tem referência em Alfredo Bosi, na obra *Literatura e Resistência*.

Embora trabalhando idéias, o conduto de *Vidas Secas* o prima pela imaginação, ainda que apareça de forma acentuada o domínio do agir humano. A obra é um campo fértil para a observação da natureza humana desenvolvendo suas capacidades. A influência do espírito, vocacionado para a Verdade e para o Bem, nos levou à constatação da sabedoria popular no dito: *o homem sem Deus é bicho*.

A realidade, que se apresenta ao ser pensante, de que existe algo superior inspirando e atraindo o homem rumo a algum ponto além, mas indefinível, independe de teoria, exprime a espontaneidade que nasce da conjectura, aquele ponto que se constitui nos tormentos do pobre Fabiano.

O ponto crucial é o atributo de liberdade. Por isso, *Vidas Secas* constitui um trunfo: a impossibilidade radical de ignorar o dom da autonomia. Disto decorreram nossos estudos. A curiosidade que se levantou, a partir desse enfoque, permitiu o presente trabalho.

A expressão popular, que acima citamos, representa a atuação do espírito, sustentando a vida do homem, tanto pelo seu significado quanto pela realização desse ato espiritual. A manifestação natural, coloquialmente inserida, é a concretização de que a transcendência é inata na espécie humana, logo o espírito preside o homem, tenha ele qualquer nível social ou preparo teórico. A inteligência nele é congênita.

Vidas Secas enfoca o agreste nordestino, nas décadas de 30 e 40 do séc. XX. Vai explorar a realidade política oligárquica, mostrando seus contornos primitivos, prenhes de dificuldades. A atuação do homem criando meios de superação, salvaguardado por sua característica espiritual, apresenta-se como o ponto de convergência do nosso objeto. Expondo a obra, essas tendências vêm a destacar o homem nas situações-limite. Ali, a relação homem-mundo apresenta oposições escandalosas, motivo para que a superação delas pelos personagens produza a compreensão dessa resistência, salientando a especificidade da constituição humana na estrutura do espírito.

Vemos na obra a capacidade do homem de fazer da queda um marco oposto, vemo-lo como caminho, como iniciador e como incentivador dessa inversão benfazeja, a compreensão de si próprio. Ela é dada no âmbito humano pelas linguagens e a via humana tradicional é a verbal, motivo pelo qual a Audição da Palavra Divina pode permitir o contato com o Espírito absoluto, a mais plena e completa forma do ser transcendente resistir. Trata-se da celebração da estrutura

espiritual humana seguindo a mesma trilha, cujo ápice é o Absoluto. Justa e incitante é esta promessa. *Vidas Secas* é a exposição crua desse homem. Dele, nos ocupamos no presente trabalho.

Para tanto, questões de base se levantam. Uma delas é a constituição da inteligência no homem, um percurso que cria um retorno: a comunicação. Intersubjetivamente, este mesmo homem desenvolve essa capacidade intelectual de maneira progressiva. Essa possibilidade é privilégio humano enquanto Criatura, cujo termo, paradoxalmente, Infinito, é o Criador. Quais são esses passos?

Este privilégio, se, por um lado, é dificultado pela miséria, por outro, a própria miséria ativa faculdades originárias no homem, fomentando a resistência. Como a condição humana forja essas situações resistentes é outra questão sustentadora da pesquisa. Esta circunstância determina *Vidas Secas* como literatura de resistência. Esses pressupostos são reconhecidos, na medida em que remetem em ficção àquilo que caracteriza o aspecto sócio-político brasileiro no final da primeira metade do século XX, em região subdesértica. A análise de sua organização é a resposta à questão acerca da possibilidade de resistência pela ficção.

Poderosa essa arma do poeta-fingidor, que reverte para a verdade situações simuladas. Poderoso esse poeta, impregnado de Deus Criador, a ponto de ser mensageiro, por meio de um canal insuficiente, para arrebanhar interlocutores. Oportuno esse poeta, que mesmo afirmando ser bicho, pelo personagem Fabiano, ressalta sua condição de atribuir juízos, admitindo, em dialética, seu espírito. O espírito é ativo, criativo, é ainda ativador, porque o resultado de sua obra é emancipativo. Temos um difusor nesse nosso poeta. Ele é o agente da literatura de resistência que vemos em *Vidas Secas*. A análise da obra levanta possibilita essa afirmação.

Partimos da hipótese de que a inteligência ou a razão constitui o homem como tal, e que essa medida é progressiva. Progressiva é a capacidade de inteligência em *Vidas Secas* e é infinita buscando alcançar a sabedoria do Espírito Criador. Todo esse processo requer um conjunto de capacidades advindas das condições físicas, corporais e psicológicas da estrutura humana.

O homem é capaz de sonhar e de temer por meio da imaginação. Esses atributos, sustentados pelos fatores psicofísicos, suscitam nele o desejo de busca, que irrompe em

plenitude pela via espiritual. O processo de ascendência e de descendência, na via intelectual, instala-se no ser-homem, psicofísico e noético-pneumático. Este trabalho estuda essas estruturas.

Se qualquer homem, em qualquer condição, é capaz de sonhar, de temer e de buscar com real direcionamento de propósitos e com lucidez de caminhos, pode-se prever, então, um rol de bens mínimos, traduzidos por satisfação de necessidades básicas. Sendo assim, as situações de miséria, tão comuns na América Latina, Central e África, redimensionam a busca humana, reduzindo-a, muitas vezes, a simples busca pela sobrevivência.

Ainda nessas precárias condições, o sopro vital humano cria estratégias para resistir, quando incita a mudança de território, momento em que expõe, em situação dilatada de drama, a condição humana. O total lugar da consciência no espírito humano interage com as ações dramáticas, exprimindo o que se pode chamar de resistência; por isso, a obra suscita o enfoque antropológico e por essa teoria é mediada..

Nosso objetivo primordial é expressar o verdadeiro sentido da vida na obra, baseado no conhecimento dos aspectos antropológicos sustentadores da condição humana. A partir disso, levantamos os agentes externos que são capazes de produzir o sofrimento. A superação destes é a resposta alcançada pelos sertanejos.

Nesta superação advém o domínio espiritual, a temática religiosa. Assim, a resistência garante possibilidades de aprofundamento intelectual, primeiro movimento rumo ao Espírito Infinito, fonte de Fé e de Revelação. Essa mediação entre o homem e o Criador carecia de fundamentos. Desta forma, fomos beber na copiosa fonte da *Antropologia Filosófica*, que detalha as estruturas humanas.

Essa obra tematiza o homem enquanto sujeito. Parte de um esquema inicial: (N)>(S)>(F), no qual N é a Natureza, F é a Forma, com que essa natureza se compõe, e S é o Sujeito, que sobressai dessa mediação com a autonomia que lhe é própria: afirma-se como Eu. Essa fórmula é o protótipo das mediações empírica, abstrata e filosófica, que acontecem nos três níveis de compreensão percorridos pelo homem: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica. Esses níveis de compreensão estabelecem-se nas três estruturas sustentadas na *Antropologia*: a somática, a psíquica e a espiritual.

Esse complexo, que resulta humano, é instrumento de captação da instância mais alta que inspira a estrutura espiritual limitada do homem (*analogatum inferius*) e o espírito Infinito

(*princeps analogatum*), ao se comunicar com o espírito do homem, fá-lo transitar por essa via de ascensão até o estágio místico. As operações, que resultam na compreensão do Verbo Encarnado por meio da Audição da Palavra, são fruto do estudo da estrutura teórica do fenômeno místico, dado naturalmente no homem, e da sua especificidade cristã, com base nos estudos de Henrique C. L. Vaz. As modalidades místicas aparecem férteis e progressivas em *Vidas Secas*.

Valemo-nos, ainda, de convalidações com respeito à filosofia da metáfora, para elucidar as questões da literalidade, encontradas nos estudos de Franklin Leopoldo e Silva sobre Henri Bergson. De Leonardo Boff e Frei Beto, tiramos interpretações do fenômeno místico, em contexto bem popular e noções de sacralidade que aproximaram *Vidas Secas* desse horizonte transcendental.

Em Alfredo Bosi, encontramos o apoio para analisar *Vidas Secas* quando ele detalha a teoria da literatura de resistência. Em tal teoria, vemos a convergência do teor desse romance de Graciliano Ramos com a vocação do espírito humano em não se deixar abater frente as mais atrozidades adversidades.

Metodologicamente falando, os subsídios caracterizadores de uma literatura de resistência encontrados em Alfredo Bosi favorecem a interpretação dos traços psicológicos que permeiam os personagens, apontando a ligação atípica dessa estrutura, com o mundo exterior e com a esfera do espírito.

Contextualizamos o romance no conjunto da obra de Graciliano Ramos. Em *Vidas Secas*, o enredo nega a palavra a Fabiano, um recurso literário de empobrecimento do personagem, ao passo que nos personagens Luís da Silva, em *Angústia*, Paulo Honório, em *São Bernardo*, e João Valério, em *Caetés*, ele coloca a palavra como redentora. Analisamos o contexto da obra no perfil dos seus personagens e descobrimos dois mediadores para aquela situação de alienação causada pela falta de expressividade: Tomás da Bolandeira e sinhá Terta.

Os agregados e os mediadores são personagens transcendentalizados naquele ambiente de sofrimento. Pela sensibilidade de sinhá Vitória, as aves são vistas através de uma interpretação mística. A leitura dos procedimentos das aves d'arribação é decisiva no desfecho de *Vidas Secas*.

Analisamos as relações que se dão em dois momentos: entre os membros da família e, fora desse âmbito, em sociedade. Intersubjetivamente, o bloqueio expressivo de Fabiano e de sinhá Vitória escancara-se. Detalhamos isso olhando o romance na perspectiva das relações entre sinhá Vitória e os meninos, Fabiano e os meninos e Baleia, em sua constituição *sui generis*, criação de Graciliano.

O romance cria alta expressividade ligada ao papagaio e aos urubus. O leitor se sente feliz nesse clima tropical porque percebe a exuberância das aves no âmago do enredo. Exploramos esse aspecto do texto por meio das impressões advindas do urubu e do papagaio.

Quanto às relações externas, em sociedade, as relações *Fabiano e as contas* e *Fabiano e o soldado Amarelo* mostram o prejuízo material e moral do personagem. Traçamos ali um paralelo entre o regime imposto no cotidiano nos tempos de normalidade, quando a vida é dura, mas estável, para avaliar o medonho transtorno que a seca traz, no seu rigor.

A fundamentação teórica amparada na *Antropologia Filosófica* aparece na resistência dos personagens. Organizamos nossa análise orientada pela própria metodologia do autor, por ser ela uma atuação essencialmente didática. A obra em questão é um exemplo de procedimento metológico, além de oferecer instrumentos teóricos para analisar as estruturas humanas dos personagens do romance. Com esses instrumentos, analisamos Vidas Secas nos níveis estruturais somático e psíquico, relatamos as relações imediatas e as mediatas, que se dão no plano da pré-compreensão somática, por meio dos níveis de reestruturação do corpo, tanto objetivamente, quanto intersubjetivamente. As mediações concernentes ao plano da compreensão filosófica do corpo concentram-se na ambigüidade com que Graciliano reveste a cadela Baleia.

Referente à estrutura psíquica, levantamos o atributo conscientizador de que se reveste essa estrutura, na pré-compreensão do psiquismo; passando para o plano da compreensão filosófica, estabelecemos a mediação com a noção da duração bergsoniana.

Estudamos o nível estrutural do espírito em *A categoria do espírito: a presença do homem no mundo. A premissa de inserção dos sertanejos*. Esse estudo nos leva a uma compreensão da reflexividade humana, fundamental para o homem vislumbrar a elevação rumo ao Espírito Supremo em sua mediação com Cristo. Os desempenhos nesse nível, compulsórios tanto para os personagens mais rudes e espontâneos quanto para aqueles mais

socializados, nos mostram, na origem, a vocação humana, sejam no plano da pré-compreensão do espírito ou nas instâncias explicativas e transcendentais da estrutura espiritual.

Tal compreensão leva-nos a analisar as operações formais, por meio das mediações da experiência mística cristã, ainda apoiada agora em (VAZ,2000) nas páginas de *Experiência mística e filosófica na tradição ocidental*

Respaldamos ainda nossa interpretação na prosa doce, essencialmente simples em toda a extensão do termo, de Leonardo Boff, uma compilação de artigos dele e de Frei Betto ((BOFF e BETTO, 1999). Fomos ainda sensibilizados pela aproximação que é possível estabelecer com os processo de desabrigo dos personagens de *Vidas Secas* em *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos* (BOFF,2002)A mística natural que esse autor transborda nos indica essa instância em sinhá Vitória, principalmente e leva a ressaltar as falhas no sistema social.

Ao analisarmos a *composição resistente de Graciliano, acrescida da esperança*, explicitamos os fundamentos teóricos da literatura de resistência, e percebemos que a ética, que permeia essa modalidade literária, é um preceito que decorre da própria reflexividade humana. Tal teoria está em *Literatura e Resistência*, fruto dos estudos de Alfredo Bosi (BOSI, 2002)Quanto à literariedade, o estudo que a sustenta na estrutura do romance *Vidas Secas* é a filosofia da metáfora, presente em *Bergson: intuição e discurso filosófico* (SILVA,1994) Para esse autor, o conteúdo da intuição se expressa na linguagem por meio do simbolismo dada a inadequação entre as formas de expressão e o conhecimento obtido por intuição.

Essa inadequação explica a ironia que perpassa a obra, até estruturalmente, quando olhamos a personagem silente de Fabiano. Chamamos isso de ironia ontológica. Graciliano faz o jogo dos contrários, projetando em sombra aquilo que nele é mais presente: a força da palavra. O silêncio de Fabiano, além de mostrar a face atroz da opressão, patenteia também a forma irônica da escrita resistente do autor: ele nega em Fabiano, aquilo que o redime, a palavra. Em um artigo do próprio Graciliano Ramos, *Um livro inédito*(RAMOS, 2001:p.82-85)¹,no qual ele analisa um livro em lançamento, retiramos a essência da ironia que estrutura *Vidas Secas*.

As agruras tenebrosas pelas quais passaram os personagens no romance *Vidas Secas* são fatos verídicos, experiências vivenciadas nas grandes secas das décadas de 20 e 30 do século passado. Por esse motivo, essas realidades aproximam o gênero desse romance de Graciliano Ramos das grandes obras da literatura do absurdo de Sartre e de Camus.

Resta ainda falar da esperança. Ela surge no romance a partir do nosso esforço hermenêutico, que nos levou a enxergar nele a progressão do espírito humano, fato que origina a resistência e o movimento oposto ao grande mal contemporâneo da competição desmedida, esta que o avanço tecnológico pós-moderno multiplica pela produção de bens.

Nossa referência à esperança se localiza no romance sobre o qual nos debruçamos, mas a prática é universal e extemporânea, motivo pelo qual *Vidas Secas*, enquanto objeto, revela a universalidade de um desejo de superação. O caminho que leva do desvario dos personagens até a possibilidade de mergulhar na Transcendência, na constituição mística do “filho de Deus como Espírito”, e na coextensão desse espírito para impregnar as potencialidades humanas, possibilita esperar em uma conscientização geral a respeito da miséria progressiva da população, e a busca de caminhos para superá-la.

No limiar do terceiro milênio, *Vidas Secas* continua atual a nos oferecer significação e fundamentação para penetrarmos na originalidade da constituição do humano, na sua natureza mediadora entre corpo e espírito, que o destaca como intermediário, por isso, agente no qual estão depositadas estratégias de possibilidades para um mundo melhor. No romance, encontra-se uma versão poética e metafórica de liberdade, resposta fundamental para a questão da resistência, entendida como reação a todo processo de opressão. Essa resposta é o resultado que almejamos, a partir das situações de *Vidas Secas*, que apontamos e buscamos analisar neste resumido relato, que supõe uma ampla dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de São Paulo (BRAGA, 2006).

Nos dois estudos estão ,pois , exacerbados pela situação de drama o código humano inscrito na chama que sustenta a vida . Muito mais além das teorias políticas, para lá de todos os poderes instituídos por uma verdade contemporânea instalada nos eixos sociais e econômicos estão a reflexão humana e a linguagem. Entre o Cosmos e o infinito existe um traço, limite tão frágil que permite conexão.

Bibliografia

BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos – mínima sacramentalia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOFF, L. Aula Magna .CRE-PUCSP .03/03;2008

_____; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRAGA, Menquini Hermide. *Resistência para Viver: As Estratégias da Condição Humana a partir de Vidas Secas, em seus Horizontes de Transcendência*. Dissertação de Mestrado. PUCSP. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2006.

_____. *O sagrado e o profano em Morte e vida Severina*. São Paulo: Zouk, 2002.

ELIADE. Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000,

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MELO NETO. João Cabral de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

SILVA, F. Leopoldo. *Bergson: Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 57ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *São Bernardo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Vidas Secas*. 85ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Infância*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *Caetés*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Um livro inédito, Teresa, São Paulo, n.2, p82-85, 2001.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Experiência Mística e Filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1992.

